



**Resenha do ARAÚJO, Júlio. Necroalgoritmização: notas para definir o racismo algorítmico. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025**

*Review of ARAÚJO, Júlio. Necroalgorithmization: notes toward defining algorithmic racism. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025*

**Renan Gonçalves<sup>1</sup>**

**Resumo:** A resenha discute a obra “Necroalgoritmização: notas para definir o racismo algorítmico”, de Júlio Araújo, destacando sua contribuição para os estudos críticos sobre Inteligência Artificial, tecnologia e racialização. A partir do conceito de necroalgoritmização, o autor propõe uma abordagem que articula epistemologias negras, crítica decolonial e teorias sociotécnicas para evidenciar como os sistemas algorítmicos reproduzem e intensificam desigualdades estruturais. A obra não apenas introduz uma nova categoria analítica, mas também desloca o debate sobre vieses algorítmicos do campo técnico para o político, compreendendo os algoritmos como tecnologias de morte simbólica e material. Com linguagem teórica, poética e politicamente engajada, Araújo oferece um chamado à insurgência epistêmica diante das violências digitais contemporâneas. A resenha ressalta a relevância do livro para pesquisadores das áreas de linguagem, tecnologia, ciências humanas e educação, ao mesmo tempo em que aponta a necessidade de futuros desdobramentos empíricos da proposta teórica apresentada.

**Palavras-chave:** Necroalgoritmização; Inteligência Artificial; Racismo Algorítmico.

**Abstract:** This review discusses the book “Necroalgorithmization: notes para definir o racismo algorítmico” by Júlio Araújo, highlighting its contribution to critical studies on Artificial Intelligence, technology, and racialization. Through the concept of necroalgorithmization, the author proposes an approach that articulates Black epistemologies, decolonial critique, and sociotechnical theories to expose how algorithmic systems reproduce and intensify structural inequalities. The work not only introduces a new analytical category but also shifts the debate on algorithmic bias from a technical field to a political one, understanding algorithms as technologies of symbolic and material death. With theoretical, poetic, and politically engaged language, Araújo offers a call for epistemic insurgency in the face of contemporary digital violence. The review emphasizes the relevance of the book for researchers in the fields of language, technology, the humanities, and education, while also pointing to the need for future empirical developments of the theoretical proposal presented.

**Keywords:** Necroalgorithmization; Artificial Intelligence; Algorithmic Racism.

<sup>1</sup> Aluno da Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [marciorenangs@hotmail.com](mailto:marciorenangs@hotmail.com).  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7940-1129>.



A Inteligência Artificial (IA), ao transformar a maneira como interagimos com a informação e com o mundo, configura-se como uma poderosa ferramenta algorítmica, capaz de interpretar a linguagem natural, solucionar problemas e processar grandes volumes de dados com precisão. Em contrapartida, com base em respostas que simulam neutralidade, especialmente no caso das IAs generativas, ela pode reforçar vieses preconceituosos e manipular o usuário, muitas vezes de forma imperceptível. É nesse cenário de tensões éticas que se circunscreve o livro *Necroalgoritmização*, de Júlio Araújo, ao discutir como tecnologias aparentemente neutras operam como dispositivos de controle que impactam, sobretudo, corpos racializados e populações periféricas. Nesse contexto, o livro faz uma importante provocação, que é: como a IA, longe de ser neutra, se converte em mais um dispositivo de perpetuação das hierarquias coloniais, raciais e epistêmicas?

Júlio Araújo é professor titular da Universidade Federal do Ceará, pesquisador do CNPq e referência nos estudos sobre linguagem, tecnologia e racismo algorítmico no Brasil. Com uma trajetória marcada pela interseção entre Linguística Aplicada Crítica e epistemologias do Sul, o autor tensiona os limites entre ciência, militância e produção de conhecimento, assumindo uma postura intelectual que não se contenta em descrever o mundo, mas se compromete radicalmente com sua transformação.

O subtítulo da obra de Araújo, “notas para definir o racismo algorítmico”, não se trata de um mero ornamento, ele traduz uma decisão epistêmica e política: oferecer um conjunto de apontamentos críticos, articulados com base em epistemologias negras, da crítica decolonial e das teorias sociotécnicas, que possibilitam compreender a estrutura do racismo algorítmico na era dos dados. Assim, o objetivo de *Necroalgoritmização* não é o de estabelecer uma definição conclusiva, mas propor um percurso analítico que articula vozes, práticas e experiências para compor uma discussão relevante sobre os conceitos raciais e sua relação com os algoritmos. Apesar disso, o livro apresenta uma conceituação sólida, que pode ser sintetizada pelos seguintes termos: “É possível definir racismo algorítmico como um fenômeno social digital que se caracteriza pela reprodução e amplificação de desigualdades raciais por meio de algoritmos e sistemas de IA, refletindo e intensificando injustiças históricas e estruturais” (Araújo, 2025a, p. 165).

De forma contundente e poética, a obra tem por base uma constatação incômoda: os algoritmos, embora celebrados como dispositivos de inovação, carregam marcas do colonialismo, do racismo estrutural e do epistemicídio. Ou, segundo o próprio autor: “É paradoxal constatar que, embora sejam ferramentas de vanguarda, os algoritmos, muitas vezes,



são programados para recriar e atualizar antigas estruturas de poder que sustentam hierarquias que deveriam estar obsoletas” (Araújo, 2025a, p. 14).

Necroalgoritmização estrutura-se como uma travessia teórica e ética, em que o leitor é convidado a refletir o papel da Inteligência Artificial (IA) na sociedade e sua relação com o colonialismo, o capitalismo e as questões raciais. O livro é organizado em sete capítulos, além do prefácio, introdução e conclusão. O prefácio, assinado por Tarcízio Silva, autor do livro *Racismo Algorítmico* (Silva, 2022), oferece uma chave de leitura que denuncia a falsa neutralidade dos discursos tecnológicos e sinaliza a urgência de letramentos críticos, raciais e algorítmicos.

Na introdução da obra, Júlio Araújo apresenta o conceito de necroalgoritmização: uma proposta teórica que expande a necropolítica de Achille Mbembe (2018), para compreender os efeitos letais, simbólicos, sociais e econômicos dos sistemas algorítmicos. Ao longo do texto, Araújo afirma que “os sistemas processam dados para exercerem uma influência profunda sobre a realidade social, perenizando desigualdades e desumanizando grupos minorizados” (Araújo, 2025a, p. 14). Essa afirmação sintetiza a mecânica dos algoritmos, que atuam como dispositivos de manipulação ao disseminarem vieses e reforçarem estruturas de poder.

O capítulo 1, intitulado “Vozes ancestrais e epistemologias negras”, estabelece o livro nas raízes profundas da ancestralidade e das epistemologias negras, denunciando o epistemicídio e reivindicando o direito de nomear o mundo e seus fenômenos. No capítulo 2, intitulado “Conexões para formatações conceituais”, o autor articula Frantz Fanon, Achille Mbembe e Néstor García-Canclini, construindo o alicerce teórico que sustentará toda a obra. No capítulo 3, “Tecnologia e exclusão”, Araújo discute o capitalismo digital, em que dialoga especialmente com García-Canclini.

No capítulo 4, intitulado “Necropolítica e tecnologia”, aproxima-se das reflexões de Achille Mbembe sobre necropolítica aplicada aos algoritmos. No capítulo 5, intitulado “Necroalgoritmização e interseccionalidade”, o autor apura o conceito de necroalgoritmização à luz da interseccionalidade. Já no capítulo 6, intitulado “Bases do conceito de necroalgoritmização”, Araújo apresenta um infográfico que detalha as dimensões estruturantes da necroalgoritmização. No sétimo e último capítulo, intitulado “Racismo Algorítmico”, o autor dedica-se especificamente ao racismo algorítmico, uma das expressões mais letais da necroalgoritmização. Por fim, a conclusão é um convite à insurgência epistêmica, ética e política diante da sociedade da necroalgoritmização.



Entre os méritos mais evidentes dessa obra, está a capacidade do autor de construir uma escrita que é, ao mesmo tempo, teórica, poética e politicamente mobilizadora, ao passo que discute importantes questões e estabelece um diálogo formidável com outros autores que discutem a Inteligência Artificial e seus desafios. A articulação entre epistemologias negras, crítica decolonial e análise sociotécnica é feita com rigor e sensibilidade, e o conceito de necroalgoritmização, que se estabelece como uma categoria analítica de grande potência, demonstra-se não apenas uma inovação teórica, mas também uma ferramenta operatória para leituras críticas do presente.

Ao propor o conceito de necroalgoritmização, Júlio Araújo oferece recursos interpretativos de enorme potência analítica para compreender como os sistemas algorítmicos se tornam agentes de atualização de regimes de morte social, simbólica e material na contemporaneidade. Assim, longe de ser uma simples metáfora, o conceito principal da obra descreve um fenômeno concreto, no qual as arquiteturas algorítmicas operam como dispositivos de exclusão, precarização e desumanização, sobretudo de grupos racializados e marginalizados.

Como afirma Araújo: “A necroalgoritmização se torna um mecanismo que ‘civiliza’ a morte em vida, ao transformar as experiências das populações vulneráveis em estatísticas, incentivando decisões que frequentemente ignoram a dignidade, a história e a individualidade dessas pessoas” (Araújo, 2025a, p. 104). Isso significa que se trata de um processo simbólico e literal de “morte em vida”, como mostra Mbembe (2018) em sua obra *Necropolítica*. Assim, sob a civilidade da eficiência tecnológica, a necroalgoritmização mantém desigualdades e marginalizações, ao passo que usa a lógica algorítmica como ferramenta para reforçar preconceitos e discriminações. A proposta do livro é inovadora pois desloca o debate sobre viés algorítmico do campo restrito da correção técnica e o inscreve no campo da crítica social radical, atravessada por epistemologias negras, decoloniais e antirracistas.

No campo da Linguística Aplicada Crítica, a relevância do conceito do autor reside em explicitar que a linguagem não está apenas nos discursos aparentes, mas também em códigos próprios dos sistemas que governam a vida digital (Araújo, 2025b). Desse ponto de vista teórico, algoritmos são textos performativos que operam sentidos, organizam o mundo e, nesse caso, também produzem mortes sociais. Para Araújo (2025a), a necroalgoritmização não é um erro do sistema, mas a própria inscrição de lógicas de colonialidade, racismo estrutural e necropolítica na composição dos códigos e dos dados. É, em sua essência, uma tecnologia de morte simbólica e material, disfarçada de eficiência, que identifica, categoriza e exclui



indivíduos e espaços com base em critérios marcados por construções raciais e lógicas coloniais incorporadas à própria estrutura social dos dados.

Portanto, o texto de Araújo se dirige a quem se recusa a aceitar que os algoritmos sejam caixas-pretas insondáveis e pretende dialogar com pesquisadores, ativistas, profissionais das áreas de letras, tecnologia, ciências humanas, educação, comunicação e, sobretudo, com aqueles que entendem que o campo digital não é um espaço neutro, mas um território de disputa simbólica, política e material.

Se há uma possível crítica à obra de Araújo, e aqui mais no registro da provocação do que da discordância, ela se dirige ao desejo de que a obra avance, em futuros desdobramentos, para análises empíricas mais sistemáticas, como temos visto, por exemplo, em outros trabalhos do autor (Araújo, 2024a; Araújo, 2024b). A densidade teórica de Araújo exige investigações empíricas sobre algoritmos, análises técnicas dos sistemas e pesquisas aplicadas que evidenciem com mais clareza as formas de exclusão simbólica promovidas pelas estruturas digitais.

Necroalgoritmização é um livro absolutamente necessário. Trata-se de uma obra que deve ser lida por quem deseja compreender as engrenagens ocultas da violência digital, mas, sobretudo, por quem não aceita ser apenas um dado em um sistema que, enquanto coleta, também descarta corpos, saberes e existências. Recomendamos a leitura tanto como exercício intelectual, quanto como prática de letramento algorítmico e de responsabilidade ética diante do nosso tempo. Por fim, este livro não é apenas uma descrição do mundo atual, mas também um chamado à sua reprogramação.

## REFERÊNCIA

ARAÚJO, Júlio. Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 18, pp. e1849, 2024a.

ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Júlio César Dantas. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, vol. 16, n. 2, pp. 89-109, 2024b.

ARAÚJO, Júlio. **Necroalgoritmização**: notas para definir o racismo algorítmico. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2025a.

ARAÚJO, Júlio. O algoritmo é um texto. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 18, e58505, 2025b.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.



SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições SESC, 2022.